

No terreno do inútil

María Alejandra Rey¹

"Por Fitzcarraldo, o conquistador do inútil!"²

Introdução

A ideia que anima este trabalho, convocado sob o amplo título de Invenção-Tradição, é tentar escrever sobre o processo criador, ressaltar a necessidade do tempo de lazer e de reflexão necessários para poder perder-se em um aparente fazer nada e dessa forma descobrir e fecundar o terreno do "inútil". Ao mesmo tempo também pensar como se compatibiliza a ideia de um tempo de intimidade com o tempo do homem pós-moderno e, por último, reflexionar sobre as transformações que observamos na clínica, produto das mudanças de época.

Se é verdade que "il faut être de son temps"³ (tem de ser da nossa época, disse Honoré Daumier apropriando-se das palavras de Baudelaire), Deve-se pensar nos desafios que se apresentam a nós, os psicanalistas nesta época que nos concerne viver.

Sobre o processo criador e a invenção na escritura.

Escrever sobre o processo criador, apurar algo daquilo que dispara o encontro entre o escritor e suas musas, talvez seja uma tarefa que nos introduza no terreno do inútil. Jogo com este conceito que, de acordo com o dicionário, não produz benefício algum, para pensar o contrário: uma inutilidade benéfica que tem a ver com a contemplação que precede o encontro, o descobrimento, o

¹ Psicanalista. Membro Associado da Sociedade Argentina de Psicanálises. malejarey@yahoo.com.ar.

² Frase que proclama Dom Araujo, personagem do filme *Fitzcarraldo* de Werner Herzog. (1982). Em janeiro de 2004 Werner Herzog, o diretor de cinema alemão, reuniu em um livro os diários que levou durante todo o processo de filmagem do filme *Fitzcarraldo* (1982) na Floresta Amazônica. Ádua tarefa, tanto como a filmagem de um filme que se tornou impossível, a ponto de considerar que sua tarefa e a da personagem se tornassem idênticas. Esses textos [são] "melhor dizendo, paisagens interiores, nascidos do delírio da selva". Seguiu a visão que dele se apoderava.

³ Nochlin Linda. *Realism, Style and Civilization*, Penguin Books, 1972. Citado em *Art Journal* Vol. 32, Nº 2. Winter 1972.

abandono à possibilidade de que “em determinadas condições, alguns seres, alguns objetos me [abram], deslumbrando-me.” (Crosa).⁴

Cortázar⁵ relata que as suas obras nasceram desse descuido que acompanha o lazer, em fecundos instantes de tédio; caminhadas noturnas por Londres no caso de Virginia Woolf⁶ e da necessidade de “um quarto próprio”; do tempo necessário para perambular pela noite parisiense como ocorre com o escritor do último filme de Woody Allen⁷. Tempo também para estabelecer-nos, para acalmar as distrações cotidianas, lutar contra as críticas que insistem em nos dizer que nada do que possamos fazer será novo e deixar-nos fluir diante do incerto. Um curioso encontro entre a memória que se desprende quando convocamos determinados fantasmas, quando percorremos outros véus, quando prestamos atenção àquilo que está sem ser visto e precisa de um olhar atento, um olho amoroso que se deixa captar e comover quando nos liberamos do adulto e reavemos a brincadeira, a infância, a inocência, a capacidade de espantar-nos.

Acredito que tentar escrever sobre a invenção ou os processos criativos desvirtua o ato criador na sua grandeza⁸. Por outro lado, talvez a tentativa não seja inútil e nos convoque a dar sentido a um trabalho de escritura, uma vez que, se não podemos contar as histórias não existe registro, a experiência não existe e nos encontramos com meras sucessões de fatos que se escorrem e desaparecem.

Muitos escritores percebem esta experiência quando transmitem que o motor das suas histórias costuma ser a curiosidade, as coisas não explicadas, os espaços vazios de informação ou as contradições que cedem espaço a realização de um jogo de imaginação graças às múltiplas significações das palavras, pela fascinação que lhe provocam. Muitos artistas não sabem explicar por que criam. Eles tomam esse não saber, -esse deixar-se estar, mas não sem fazer nada, senão um deixar-se estar atento à possibilidade do encontro com algo que aparece-, e isto toma vida e se transforma. Para isso é preciso tempo.

⁴ Crosa, Ricardo Martín. *Acerca del bello*. Edição do autor.

⁵ Entrevista com Joaquín Soler Serrano em “A fondo”. TVE (1977).

⁶ Woolf Virginia. *Caminata, por las calles: Una aventura londinense* (1927).

⁷ Woody Allen, *Medianoche en París*. (2011).

⁸ Borges quando se pergunta sobre a poesia durante toda resposta balbucia: “a rosa sem porque floresce porque floresce”. Borges (1980). *Siete noches. La poesía*. Fondo de Cultura Económica.

Nas palavras de Pavlovsky (2007), é a movimentação de algo que estava quieto: imagem, sensação, emoção que têm de começar a mover-se e a formar uma história. Ou talvez, essa imagem já tem uma história prévia de movimentos realizados, mas da qual se esqueceram, ficou encapsulada à espera de ser liberada no curso do processo criativo. A imagem que liberamos repete movimentos prévios ou inventamos outros novos? Trata-se de reanimar algo que estava estancado, congelado e reiniciar o movimento de outra forma com pequenas variações de um antigo roteiro, mas que agora ao ser recordado vamos recriando, acreditando saber algo mais. Assim o jogo cresce, diversifica-se, potencializa-se e surgem recursos inesperados. É preciso cumplicidade: crer para criar. As velhas matrizes lúdicas despertam-se ao lembrar, estão arquivadas, mas ao serem convocadas reaparecem. Em todo o processo artístico existem “espaços prévios” onde o criador aprende e exercita “olhar” de outra forma o concreto. Primeiras matrizes geradoras que surgem em uma zona específica - zona intermediária - zona lúdica. Espaço -organizador do imaginário- onde o “louco” estrutura-se com coerência, com limites internos e externos, ainda que não seja nem mundo externo nem mundo interno. Isto me remete ao espaço transicional de Winnicott (1973):

“Supomos aqui que a tarefa da aceitação da realidade nunca está completamente acabada, que nenhum ser humano está livre da tensão de relacionar a realidade interna com a realidade externa e que o alívio desta tensão é provido pela área intermediária de experiência que não é desafiada (arte, religião, etc.) Esta área intermediária está em continuidade direta com a área do jogo da criança pequena quem se encontra totalmente “perdida” [metida] no jogar”.

A psicanálise como lugar de invenção.

Qual é o lugar que nos cabe como analistas? Será possível resguardar este espaço de reflexão nos nossos tempos? Marcelo Viñar (2002) assinala que o mundo muda e assim também se dá na nossa mente e essas mudanças questionam a nossa nosologia habitual. Acredita que é imprescindível conquistar “um espaço de remanso para um mundo vertiginoso”. (2010)

É possível sustentar um espaço de jogo e ilusão que desprenda potencialidades, que fecunde o terreno do inútil? A inquietude me parece que

ocorre nestes tempos de correria onde o tempo real anula qualquer diferença entre o futuro e o passado deixando-nos, nas palavras de Virilio (1993), superexpostos à intensidade do momento presente, onde é possível a presença aqui e agora do mundo inteiro, uma “telepresença” instantânea.

Se, como analistas, queremos ser do nosso tempo e enfrentar à vida contemporânea, isto implica um compromisso com a situação social na qual estamos implicados e que fazemos parte.

Vivemos hoje em um mundo em que a experiência de intimidade tornou-se “éxtima” (Sibilia, 2010), na qual parece restar pouco espaço para a construção de intimidades. Um mundo em que foram extintas as formas filosóficas modernas do sujeito que serviam de referência, tanto o sujeito crítico kantiano quanto o sujeito neurótico freudiano, acarretando o surgimento de um novo sujeito pós-moderno (Dufour, 2003). Precário, acrítico, vazio, exposto e submergido em um mundo sem limites, fragmentado.

Como gerar distintos espaços interiores, momentos de experiência de encontro entre dois, que possibilite que possam ser habitados novos lugares subjetivos e intersubjetivos? É um desafio que nos convoca em um tempo em que as subjetividades são construídas e realizadas no campo do visível em contraposição às subjetividades interiorizadas, onde se deslocou o eixo em torno do qual são construídas as subjetividades desde um núcleo oculto na própria interioridade para uma superfície visível que estimula um espetáculo do eu em vez de um olhar desde o interior.

A psicanálise tem à sua frente, assim como as ciências, as artes e a filosofia, a tarefa de ir abrindo brechas na segurança do já pensado e imaginar novas perguntas. Talvez seja conveniente fantasiar, como propõe Roudinesco (2002), que estamos em um estado de crepúsculo, sem saber o que o virá. O contexto atual é muito diferente do cenário da sociedade moderna. As subjetividades e os corpos contemporâneos tornam-se afetados pelas tecnologias da virtualidade e a imortalidade, e pelos novos modos que estas tecnologias inauguram, de entender e de vivenciar os limites espaço-temporais. De acordo com Sibilia (2005) estaríamos diante de um cambio brusco de paradigma tecnocientífico, que deixou no passado o mundo mecânico da física clássica e sua natureza domesticável. Hoje a natureza se descompõe e recria conforme o modelo informático-molecular.

Diante deste contexto e se pretendemos ser sensíveis às transformações da época, é possível pensar em uma dicotomia entre ser os herdeiros de um método e as mudanças por chegar. A melhor forma de ser fiel a uma herança, expõe Derrida (1983), é sendo-lhe infiel, não a recebendo literalmente, como uma totalidade, mas sim sendo herdeiros fiéis “na medida do possível”. Receber, para transformar, apropriando-nos.

Esta transformação do meio psicanalítico, como diz Roudinesco (2002), inclui uma nova geração de analistas e pacientes, surgidos da transformação da estrutura familiar. As turbulências sociais produzem efeitos tanto pelo lado dos pacientes como pelo da formação dos clínicos. As mudanças do campo social e as da profissão analítica andam de mãos dadas e, se por um lado reconhece que o modelo familiar freudiano não será destituído, por outro, assinala que está complicando-se e seu horizonte é incerto; existem muitas configurações chamadas familiares e os progressos da genética abrem a imaginação diante de fenômenos ainda não registrados pelo estado civil.

Outra marca de época é a globalização que cria uma maior permeabilidade das fronteiras e transforma os modos de comunicação, a transmissão do saber e das normas.

Aonde levará tudo isto? Não podemos imaginar o que ocorrerá. Um complexo processo iniciou-se no interior da comunidade psicanalítica que, esperemos que não se detenha. Se formos honestos com o nosso trabalho, podemos ver que este passou por uma transformação, que os atuais pacientes têm suas exigências, que nossa forma de praticar a clínica está alterando-se hoje. Não podemos ir contra a realidade.

Se o que hoje nos convoca a este congresso é a inovação, acredito que devemos pensar em acompanhar e facilitar possibilidades de encontro, resgatando a possibilidade de construir intimidades, ainda que isso demore um pouco.

É na intimidade da consulta onde se desprendem histórias das que somos partícipes, onde entremisturamos argilas próprias e alheias, escutando outros que compartilhem as suas experiências e ajudamos a dar-lhes vida nessa eterna discussão entre as verdades e as mentiras, a realidade e a ficção, a fantasia e a vida.

Descritores: *Criatividade - Intimidade - Pós-modernidade - Transformações*

Bibliografía

Derrida, Jacques y Roudinesco Élizabeth. (2002). Y mañana, qué... Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2002.

Dufour, Dany-Robert. (2003). El arte de reducir cabezas. (Sobre la servidumbre del hombre liberado en la era del capitalismo total). Paidós, 2007.

Pavlovsky Eduardo. (2007) Historia de un espacio lúdico. En Espacios y Creatividad, Pavlovsky E., Kesselman H. Ed. Galerna.

Roudinesco Elizabeth. (2011) ¿Y mañana qué? Entrevista de Carlos Maffi a E. Roudinesco sobre el futuro del psicoanálisis. Psicoanálisis. Revista APdeBA. Vol. XXXIII. N° 3. 2011. (Pp581-598)

Sibilia, Paula. (2005). El hombre postorgánico. Cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales. Fondo de Cultura Económica. Buenos Aires, 2005.

----- (2010). Mutaciones de la subjetividad. La exhibición de la intimidad como un eclipse de la "interioridad". En "La intimidad. Un problema actual del psicoanálisis". Colección Colegio de Psicoanalistas. Psicolibro ediciones, 2010.

Viñar Marcelo. (2002). Sobre encuadre y proceso analítico en la actualidad. RUP 2002; 96: 31-36.

----- (2011). Invención- Tradición. Trabajo prepublicado Congreso Fepal San Pablo, 2012.

Virilio Paul. (1993) Sujeto y velocidad. Zona Erógena. N° 16. Año IV. Noviembre 1993. Pág.15.

Winnicott Donald. (1971). Realidad y Juego. Barcelona, Gedisa, 1982, 3er edición.